China — para onde vai a agricultura? — III

TRADUÇÃO DE MARIA JOSÉ CYHLAR MONTEIRO

(continuação do número de outubro)

Dando prosseguimento à transcrição do relatório do USDA sobre o panorama da agricultura chinesa e suas perspectivas futuras, passaremos às análises relativas a mercado de produtos individuais, a começar pelo açúcar. Dois terços das importações chinesas de açúcar são originários de Cuba e da Tailândia. O restante se distribui, sobretudo, entre a Austrália, a Guatemala e o Brasil.

Entre 1993 e 1995, as importações chinesas de açúcar passaram de 0,9 milhão para 3,5 milhões de toneladas. Contudo, apesar do aumento no consumo total de açúcar refinado, altos estoques iniciais e crescimento de cerca de 1 milhão de toneladas na produção de 1995/96 (mais 6%) provocaram o declínio dos preços do açúcar refinado em nível de atacado.

Os altos estoques iniciais refletem o elevado contrabando[1] ocorrido em 1994/95 e forçaram algumas refinarias a reduzir o preço do açúcar para fazer caixa e poder pagar à vista aos produtores de cana e de beterraba.

A produção de cana-de-açúcar (em torno de 64 milhões de toneladas) responde por cerca de 80% da produção chinesa de açúcar, cabendo os 20% restantes à beterraba (13,5 milhões de toneladas).

Em conseqüência, os preços no atacado do açúcar refinado devem reduzir-se em 15% ao longo da temporada 1995/96 e as importações serão menores. Já as exportações deverão aumentar para cerca de 700 mil toneladas.

A produção de cana-de-açúcar (em torno de 64 milhões de toneladas) responde por cerca de 80% da produção chinesa de açúcar, cabendo os 20% restantes à beterraba (13,5 milhões de toneladas).

A produção de cana-de-açúcar proporciona retornos menores do que os cereais, oleaginosas, frutas e legumes. Embora na província de Xianging a área destinada à beterraba tenha aumentado em função dos estímulos (aumento dos preços mínimos e subsídios aos insumos) concedidos pelo governo local nos últimos anos, a área da cana-de-açúcar e a de beterraba deverão declinar no longo prazo, dada a competição de lavouras mais rentáveis como legumes e frutas, no Sul, e milho e soja, no Norte e no Nordeste do país.

Em 1995/96, a Comissão Estatal de Planejamento lançou diretrizes relativas aos preços da cana-de-açúcar, beterraba e açúcar refinado. Contudo, os preços praticados que tomaram como base as condições de mercado foram mais altos que os preços propostos pela comissão. Por outro lado, os preços dos fertilizantes (pagos pelos agricultores) ficaram, na média, 2/3 abaixo dos preços de mercado, sendo o terço restante coberto pelas usinas. O mesmo se verificou em relação à beterraba.

Uma conjuntura em que os preços da matéria-prima foram superiores aos propostos pelas autoridades mas os preços do açúcar refinado ficaram abaixo do sinalizado levou várias usinas a enfrentar sérios problemas de fluxo de caixa. Algumas das usinas hesitavam em vender o açúcar, acumulando elevados estoques e tendo que recorrer a vales para pagar a matéria-prima. Essa conjuntura levou o governo a propor medidas paliativas, como interceder junto aos bancos para o financiamento das usinas, e a aumentar as aquisições para a formação de estoques governamentais. Os preços finais do açúcar, contudo, permaneceram estagnados.

O consumo *per capita* de açúcar refinado, na China, foi de 6,2kg, na média, bem abaixo de outros países como Japão (18,4kg), República da Coréia (21,6kg), Tailândia (24,9kg) e EUA (29,7kg).

O baixo consumo *per capita* de açúcar chinês tem muito a ver com hábitos alimentares tradicionais. De modo geral, é mais baixo no Sul do que no Norte e nas áreas rurais (apenas 1,34kg) do que nas urbanas. Outro fator explicativo do baixo consumo *per capita* de açúcar na China é a renda *per capita*. Enquanto na China esta se situa em torno de US$476 (a preços de 1990), no Japão fica em torno de US$25.149, na Coréia do Sul em US$7.491, na Tailândia em US$1.981 e nos EUA em US$23.213. Assim, na medida em que o produto interno bruto

[1] Esse contrabando se originou da possibilidade de importar açúcar não-refinado em regime de *drawback* sem pagamento de imposto de importação. Em 1995, de 1,5 milhão de toneladas importadas, cerca de 2/3 ficaram ilegalmente na China. Em dezembro de 1995, o governo chinês suspendeu a isenção do imposto para as importações em regime de *drawback*.

chinês continuar registrando elevadas taxas de crescimento, o consumo de açúcar deverá expandir-se.

Há ainda outro dado que contribui para explicar os baixos níveis do consumo de açúcar: o uso da sacarina, adoçante 300 vezes mais doce que o açúcar. Os chineses consumiram nos últimos anos algo em torno de 2 mil a 4 mil toneladas/ano de sacarina, o que representa um consumo a menos de 600 mil a 1.200 t/ano de açúcar.

Perspectivas

Projetando tendências para os próximos anos, tudo indica que a China será um importador líquido de açúcar e que as aquisições de açúcar não-refinado deverão aumentar para atender o déficit de consumo.

Nas áreas tradicionais de plantio de cana e de beterraba, a crescente competição de lavouras mais rentáveis se fará sentir. Nos últimos três anos, a área destinada à cana-de-açúcar na região de Guangdong reduziu-se em cerca de 30%, enquanto a produtividade física caía de 321,7 mil hectares em 1992 para 230,2 mil em 1995. No lugar da cana entraram os legumes, as frutas e os cereais. Em Heilogjiang, a área com beterraba diminuiu de 331,8 mil para 328,5 mil hectares, dando lugar ao milho, cujo retorno líquido foi de cerca de 30RMB/ha, praticamente o dobro dos 13RMB/ha da beterraba açucareira. Embora existam metas oficiais de preço para as culturas açucareiras (que deveriam ser cobertas pelas usinas), os produtores rurais preferem plantar cereais cujos preços são garantidos pelo governo central.

O fato de que as lavouras açucareiras proporcionam retornos por área menores do que outras culturas contribui para que a expansão da área plantada em regiões em expansão seja limitada, de forma que, mesmo com aumento na produtividade física, a oferta terá dificuldades em acompanhar a evolução da demanda.

O consumo de açúcar nos últimos anos registrou um crescimento médio de 2,5% ao ano, o que pode, em parte, ser atribuído ao crescimento demográfico de 1,4% ao ano. Entretanto, vários analistas acreditam que o consumo de açúcar possa aumentar daqui até o ano 2000 a taxas de até 8%. Com a melhoria dos níveis de renda, os consumidores devem aumentar sua demanda de produtos doces como sobremesas, biscoitos e bebidas.

Mesmo que o governo central implemente medidas de apoio à produção interna, a China ainda terá um grande potencial de aumento das importações de açúcar não-refinado.

